

Apresentação

Em que medida se detecta uma presença da poesia medieval na oralidade contemporânea? Esta questão pode ser respondida a partir de diferentes abordagens e perspectivas teóricas. O número 19 da **Revista Boitatá** é um exercício intelectual sensível à presença medieval na contemporaneidade. Agamben, em seu conhecido ensaio *O que é contemporâneo?*, afirma que: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Sua afirmação implica neutralizar as luzes do presente, para captar a sua essência nas trevas. O contemporâneo requer, dessa forma, um olhar especial, capaz de captar o avesso do sentido. Não se trata da linguagem em seu efêmero encantamento, mas do dispositivo que a articula.

A Idade Média ecoa. Inúmeros sistemas de exclusão social, as tensões entre o universo masculino e feminino, os resquícios de formas fixas, o ambiente da musicalidade, os gestos cortesãos e também populares ainda são detectáveis em produções artísticas visuais, sonoras, literárias que circulam atualmente. A Idade Média é um dispositivo entre vários outros, uma linguagem de cadeias variáveis relacionadas entre si, produtora de subjetividades e saberes no mundo contemporâneo.

É enquanto um dispositivo que o pensamento medieval se faz presente na poesia oral nos dias de hoje. Para nós, pesquisadores entre trópicos, cuja história não denuncia a presença medieval de modo físico e arquitetônico, as luzes do passado chegam por meio de práticas culturais, da relação entre o homem e a arte no espaço público. A poesia goliárdica, dos séculos XI e XII, em circulação sobretudo na França e Alemanha, por exemplo, marcada pela sátira, pela insinuação erótica e a vida boêmia, reitera um sistema de produção poética produzido por frades desempregados e, portanto, marginalizados, cuja lógica, *mutatis mutandis*, está presente no cordel, no teatro de Suassuna ou nas histórias de Malasartes.

Para a poesia oral dos trópicos, a obra do genebrino Paul Zumthor (1915-1995) foi decisiva para romper com o argumento da supremacia da escrita sobre o oral, além de chamar a atenção de seus pesquisadores para o fato de que a performance era um manancial inesgotável de sentidos. A tradução de *A Letra e a Voz: a 'literatura' medieval*, obra de 1987, de Paul Zumthor, conduzida, no Brasil, por Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira, 5 anos após seu lançamento pela Éditions du Seuil, revestiu-se como um argumento sólido para vários pesquisadores que se debruçavam sobre gêneros como o cordel, o repente, as narrativas orais, os cantos indígenas, entre outros, tidos como um “desvio” dos estudos literários. A

ênfase na performance, a perseguição incansável de um método baseado nos “índices de oralidade”, o ensinamento de “auscultar” o texto em vez de apenas lê-lo, a análise meticulosa do papel dos vários agentes envolvidos nas práticas vocais desafiaram medievalistas, exegetas, filólogos e, também, pesquisadores da voz de outros contextos a refletirem sobre o texto impresso para além de sua ancoragem na escrita. A poesia passa a ser pensada em seu *hic et nunc*, num sentido mais próximo à *poiesis* como um devir. De certo modo, ao ler Paul Zumthor como um fundamento analítico para a poesia oral brasileira, todos nos sentíamos um pouco com os pés na Idade Média.

São as luzes da Idade Média que buscam iluminar o contemporâneo das representações poéticas circuladas pela voz nesse número 19 da **Revista Boitatá**. Para tanto, foram convidados dois professores da Catalunha, Dr. Antoni Rossell e Dra. Maria Incoronata Colantuono, ambos ligados ao *Institut d’Estudis Medievals* da Universitat Autònoma de Barcelona e com uma ampla formação em musicologia e lírica medieval.

O professor e músico **Antoni Rossell**, que também coordena as Jornades Occitanes, abre este número com o artigo “De la musicología y la filología a la interpretación musical: Crónica de un juglar contemporáneo”. Nele, o autor discute o cantar medieval nos dias atuais, abordando os recursos musicais que vem utilizando na gravação de CDs com o cancionero medieval. Sua reflexão é sobre a poesia cantada e como a voz possibilita atualizar o cancionero.

Maria Incoronata Colantuono volta seu olhar e ouvido para as *Cantigas* marianas, atribuídas ao Rei Alfonso X, o Sábio (século XIII), no artigo intitulado “De la *vox mortua* a la *vox viva*: sistemas de composición y oralidad en las *Cantigas de Santa Maria*”. Sua investigação é sobre as relações entre a oralidade e a escritura melódica do repertório alfonsino, por meio do qual ela detecta uma intertextualidade e intermelodia, devido à intrincada rede de contatos e influências presentes no fazer poético medieval.

Alessandro Zir, em “Erged’Olho e vee-lo-edes: gênero e desconstrução em três cantigas de amigo”, debruça-se sobre o contexto das cantigas de amigo galego-portuguesas. Sua leitura move-se entre a tradição e a desconstrução demonstrando como os textos atrelam-se a um contexto de produção imediato.

As luzes medievais sobre o contemporâneo fazem-se presentes também no artigo “Literatura e Oralidade: da poesia cantada à poesia da canção”, de **Cláudia Sabbag Ozawa Galindo**. Nele, a pesquisadora de literatura faz uma reflexão a respeito da voz e da literatura

percorrendo movimentos literários como o Renascentista e Simbolista até chegar à canção brasileira do século XX.

No artigo a quatro mãos escrito por **Daniele Gallindo Gonçalves Silva** e **Adail Sobral**, intitulado “Para uma poética do amanhecer; a recepção da *Tagelied* na lírica de amor moderna”, entra em cena a obra do *Minnesanger* alemão Heinrich von Morungen e suas releituras modernas feitas por Mascha Kaléko e Karin Kiwus. O *minnesang* é um texto lírico, geralmente em formato de canção, muito disseminado entre os séculos XII e XIV e composto em alemão. Neste artigo, o objetivo principal foi o de apontar as reiteraões e atualizaões de temas e motivos da obra do compositor morto em 1222.

Em “A Cosmovisão Celta e a Vocalidade Poética: a Tradição Oral e as Narrativas Mitológicas da Idade Média”, de **Janaina Träsel Martins**, são enfocadas a tradição oral dos druidas e bardos bem como a passagem da cultura celta para a latina. A autora vale-se do conceito zumthoriano de vocalidade abrangendo estudos interdisciplinares que compreendem a literatura medieval, a arqueologia e a religião celta.

Marcos Paulo Torres Pereira encerra este dossiê temático com um estudo do cordel de José Pacheco em seu artigo “Permanência e Ressonância de Vozes em ‘A Chegada de Lampião no Inferno’”. Para tanto, o autor tenciona debater como a memória e a identidade fazem-se presentes no cordel e como a performance, voltando-se para os estudos de Zumthor sobre o medievo, será o agente materializador desta identidade.

A seção livre é aberta com o artigo “Vozes que Contam: Narrativas Oraís e Históricas dos Imigrantes de Paragominas-Pa”, de autoria de **Aida Suellen Galvão Lima** e **José Guilherme de Oliveira Castro**. Os autores discorrem sobre a importância das narrativas oraís na construção da história da cidade paraense de Paragominas. Observam que tais narrativas perdem seu valor em registros escritos, mas que são um importante agente na construção da identidade local.

“Artimanhas da Malandragem e Memória Discursiva em Personagens do Cotidiano: Pedro Malasartes e Mineirinho Ladrão, Os ‘Fora da Lei’”, de autoria de **Anderson de Carvalho Pereira** e **Leda Verdiani Tfouni**, trata da interdiscursividade do personagem Pedro Malasartes, confrontando-o com as figuras do músico Raul Seixas e do mineirinho ladrão, este em vídeo circulado pelo *youtube*. Os autores demonstram como os significados de “roubo”, “malandragem” e “herói” são subvertidos e naturalizados em textos diversos.

“Provérbios: ‘a Voz do Povo’ e Intertexto das Literaturas Africanas” de **Cristina Mielczarski dos Santos**, traz uma reflexão a respeito do conceito de provérbio, enfatizando a

importância de sua recuperação para as relações políticas e sociais no contexto africano, em específico dialogando com os escritores Ungulani Ba Ka Khosa, Paulina Chiziane e Mia Couto.

Elizabeth da S. Mendonça faz uma discussão sobre a literatura escrita e a poesia oral, a partir da novela guimarasiana “Uma estória de amor”. Seu artigo intitulado “A Performance do Velho Camilo: uma estória-louvação em uma Novela de Guimarães Rosa” demonstra como o escritor mineiro atualiza as tradições populares de circulação oral, dialogando inclusive com tradições africanas.

As relações entre a letra e a voz ainda são tema de reflexão do artigo “Performance e Poética no Conto Oral ‘O Afilhado do Diabo’”, de autoria de **José Carlos Felix e Priscila Cardoso de Oliveira Silva**. Os autores, a partir de uma história da célebre coletânea cascadiana *Contos Tradicionais do Brasil*, demonstram como o conto de circulação oral é um dispositivo operante por meio do qual se tem uma crítica da realidade.

O escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho é tema do artigo “Ruy Duarte de Carvalho: a viagem, o discurso e a poesia”, de autoria de **Laura Regina dos Santos Dela Valle**. O texto encontra-se focado na investigação do autor junto aos Kuvale, etnia do deserto do Namibe. A ficção como extensão das relações vividas é o tema principal deste trabalho que traz um pouco da experiência antropológica misturada à criação poético-literária.

As relações sociais entre a poesia, o poeta e seu meio social é tema do artigo “Memória, Poesia e Profecia: a Identidade sertaneja num inverno de versos”, no qual os autores **Netanias Mateus de Souza Castro e Ciro Leandro Costa da Fonseca** fazem uma investigação sobre as representações do inverno na poesia sertaneja de Marco Antunes.

As representações do diabo no imaginário europeu são abordadas no Artigo “As Pontes Construídas pelo Diabo em Portugal”, de autoria de **Paulo César Ribeiro Filho**. O autor ocupa-se, em sua investigação, de relatos orais sobre pontes cuja construção foi atribuída ao diabo em comunidades interioranas de Portugal.

Renata Ávila Troca em “Cadê o Povo da Vila da Quinta?” traz como ponto de discussão as relações entre arte e literatura, tendo como pano de fundo a lei 10.639, que aborda o ensino de história e cultura afro-brasileira. O enfoque concentra-se nas relações de ensino, em que a autora postula que a literatura não deve estar dissociada das artes.

“Culturas Populares: Clivagens e Rasuras Conceituais” de **Vanusa Mascarenhas Santos** debruça-se sobre o espinhoso conceito de cultura popular, demonstrando como a delimitação do objeto não está isenta de hesitações e de debates sobre a metodologia. A autora

contribui com o debate ao demonstrar as lacunas e silenciamentos a respeito do tema, chamando a atenção para os *a priori* interpretativos neste campo de pesquisa.

Fechando esta edição de número 19 da **Revista Boitatá**, o poeta Philadelpho Menezes (1960-2000) é tema do artigo “Philadelpho Menezes: uma voz experimental dentro do polissistema literário”, de **Vinícius Silva de Lima**. Nele, o autor discute a poesia sonora do poeta paulista e professor de comunicação e semiótica da PUC-SP produzida nos anos de 1990, bem como debruça-se sobre conceitos de vocalidade e oralidade.

Este número torna-se especial, também, porque a **Revista Boitatá** completa 10 anos de vida em 2015, sendo responsável pela publicação de mais de 200 artigos sobre o tema poesia oral e popular. Trata-se de uma revista pensada para disseminar pesquisas sobre uma produção até então pouco reconhecida nos meios acadêmicos na área de Letras e sobre a qual pesavam vários preconceitos. A existência deste importante periódico reafirma a intenção de um grupo de pesquisadores vinculados aos Estudos Literários que assumem seu compromisso com a investigação das várias poéticas que se fazem circular pela voz em distintos ambientes de expressão. O diálogo intermitente com outras áreas de conhecimento fez-se fundamental para a existência desta revista, a qual é hoje avaliada pelas áreas de Estudos Interdisciplinares, História, Música e Artes, além de Letras e Linguística, contando também com a colaboração imprescindível de autores e membros do corpo editorial destas áreas.

Sua proposta de criação, que contou com o apoio de um corpo técnico de informática, deu-se num encontro intermediário do GT de Literatura Oral e Popular realizado em 2005 na Universidade Estadual de Londrina. O encontro reuniu pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal da Grande Dourados e Universidade Federal do Rio Grande do Sul que abraçaram a ideia da revista, trabalhando para sua consolidação. O grupo tinha por objetivo tornar realidade um canal de disseminação para pesquisadores de diferentes áreas interessados nas poéticas da voz e, com isso, enriquecer o debate com as várias perspectivas sobre o tema. Em 2010 a revista passou por uma remodelação que contou com a participação de técnicos do Estúdio Bonarte Caimã e teve, para isso, o financiamento da Fundação Araucária.

O maior orgulho em produzir a **Revista Boitatá** deriva do sentimento de estarmos contribuindo para a inserção na academia e no debate público de textos poéticos que são marcantes para a formação identitária brasileira, mas que eram comumente deixados de fora por serem tratados preconceituosamente como uma “literatura menor”. Vozes de moradores

de inúmeras periferias, de caipiras, de artistas populares e de escritores renomados dos vários cantos do Brasil têm na **Revista Boitatá** um espaço virtual para o seu debate, sua disseminação e construção de uma memória poético-literária.

O número 19 é também um convite para celebrar esta conquista e para que o leitor continue conosco nas próximas décadas. Vale, nesse sentido, lembrar que a **Revista Boitatá** corajosamente abriu espaço para alunos de graduação e de pós-graduação publicarem suas pesquisas quando a maioria das revistas acadêmicas brasileiras tendia a fechar suas portas para eles. Hoje, há autores que eram alunos e são orientadores em programas de pós-graduação e continuam publicando suas pesquisas ao longo dos 20 números da Revista (sendo 19 números correntes e mais um especial). Isso demonstra o importante papel da revista junto a gerações de pesquisadores e leitores. Como não queremos parar por aí, *la nave va*, disposta não só a renovar-se, mas também a manter-se fiel aos princípios e vozes que a movem desde 2005.

Entre Londrina e Porto Alegre, num setembro quente de 2015.

Os organizadores